BF | BLOG DA FEIRA

André Pomponet
SEXTA-FEIRA, 26 DE FEVEREIRO DE 2021 / PUBLICADO EM COLUNISTAS, HOME

Lembranças dos verões passados

Lá fora as cigarras cantam com frequência. E, no crepúsculo, sempre ouço um sabiá magistral. São sons característicos do verão que, por sinal, caminha para o final. Sem praias, a Feira de Santana não inspira aquele espírito da estação, comum em quem mora em cidades litorâneas. Quem deseja mergulhar neste astral viaja, vai veranear. Quem não pode pragueja contra as manhãs escaldantes, as tardes tórridas, as noites abafadas. E aguarda ansioso as temperaturas mais amenas, que só costumam chegar em meados de março em diante. Ou as trovoadas ocasionais, que refrescam um pouco.

Por aqui, quem pode, aprecia a magia do crepúsculo. O problema é que os entardeceres têm sido coalhados de nuvens, algumas cinzentas. Não são incomuns as muralhas de nuvens azuladas na orla do céu, bloqueando o espetáculo. Mas pelo menos à noite o vento limpa o céu e as estrelas faíscam, muito vivas, lembrando para o espectador feirense que, afinal, é verão.

Quanta diferença do espírito praieiro do soteropolitano! Levas começam a acorrer às praias já no começo da primavera, misturando-se aos turistas extasiados que se encantam com a cor do mar e com a cor do céu. Por lá, nada dessas nuvens – *cumulus* – que encobrem o céu feirense. O azul muito vivo – ímpar – entorpece, embriaga o espírito de uma beleza que não conhece palavras.

Antes, aquela tensão festiva crescia à medida que se aproximava o ciclo de festas populares – esquecido nas últimas décadas – e, com elas, as celebrações de fim de ano e as altas expectativas em torno do Carnaval. É a temporada em que o bom humor, a cordialidade, a disposição para a festa dos soteropolitanos amplificam-se. No Carnaval, por fim, alcançava-se o ápice. Baianos, turistas e agregados misturando-se numa ofegante epidemia – a expressão é de Chico Buarque – que durava mais de uma semana.

Depois do êxtase, vem março e a exaustão. Ampla, profunda, irrestrita. Por lá começa a caudalosa estação das chuvas, com seus aguaceiros contínuos. O soteropolitano, então, se recolhe sob o céu acinzentado, denso de nuvens de chuva. Não há mais o azul irretocável do céu, a luz indescritível das manhãs de primavera. Prevalece, então, uma espécie de depressão coletiva que só se desfaz com o fim do inverno.

Na Feira de Santana, o calendário – do clima e o festivo – funciona sob uma lógica diferente. A “ofegante epidemia” feirense, a Micareta, ocorre em abril, fora da temporada turística tradicional. As chuvas e a temperatura mais amena do outono não abalam o feirense, feliz sem o calor tórrido. Aqui também não há – óbvio – toda essa celebração pagã do verão praieiro. O feirense prefere dedicar suas energias ao São João, que é farto quando trovoadas desabam entre o verão e o começo do outono.

Resgato estas lembranças que jorram, aos borbotões, no atípico 2021 da pandemia. Sem Carnaval, sem Micareta e com disseminação alarmante da Covid-19, justamente porque muitos não conseguiram se conter e foram às praias, às festas, às aglomerações comuns à época. Na Bahia, o fim de semana promete ser de comércio fechado e circulação restrita de pessoas, para tentar frear a contaminação. Tudo melancólico e tenso.

Talvez seja por isso que as lembranças cintilam e tentam despertar a esperança de que, lá na frente – Deus sabe quando – vai se retomar o fio da rotina. Com seus prazeres e, até mesmo, com suas dores…

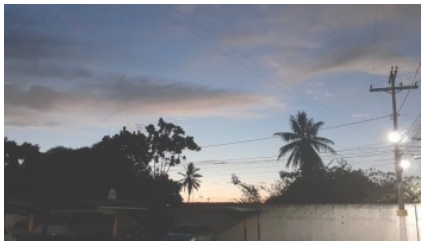
Sobre | Últimos Posts

Últimos posts por André Pomponet (exibir todos)

O sombrio outono dos brasileiros - 19/03/2021
Feira alcança tristes marcas com a Covid-19 - 18/03/2021
A esperança de chuva no dia de São José - 17/03/2021

Compartilhar:

WhatsApp | Facebook | Twitter | Telegram | LinkedIn



A “Estrela de Belém” no céu da Feira
21/12/2020

Oposição lidera pesquisa pela primeira vez em 20 anos
10/09/2020

Mudanças climáticas na Feira
15/09/2020

Doar

Blog da Feira: Jornal de Notícias de Feira de Santana
© 2020 Janio Costa Rego Comunicações - Todos os direitos reservados